

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

Edilson Alves de Menezes Junior¹

Resumo: O presente artigo analisa os desafios da medievalística no século XXI, destacando a necessidade de uma autorreflexão crítica sobre a operação historiográfica. Investiga-se o "jogo de escalas" como ferramenta metodológica para superar o internalismo das narrativas nacionais e eurocêntricas, integrando perspectivas da história global e da micro-história. Discute-se, ainda, a "cidadania contestada" do campo no Brasil e na França, abordando as tensões entre a tradição acadêmica e as novas demandas da história pública e digital. A hipótese central sugere que a renovação da área depende da articulação dialética entre diferentes escalas de análise e de uma inserção qualificada no debate público contra o negacionismo e as distorções ideológicas do passado medieval.

Palavras-chave: Medievalística; Jogo de Escalas; História Global; Micro-História; História Pública.

THE “SCALE-SHIFTING” QUESTIONS: CHALLENGES AND PROBLEMS OF 21ST CENTURY MEDIEVAL STUDIES

Abstract: This article analyzes the challenges of Medieval Studies in the 21st century, highlighting the need for critical self-reflection on historiographical operation. It investigates the "game of scales" as a methodological tool to overcome the internalism of national and Eurocentric narratives by integrating perspectives from Global History and micro-history. Furthermore, it discusses the "contested citizenship" of the field in Brazil and France, addressing the tensions between academic tradition and the new demands of public and digital history. The central hypothesis suggests that the field's renewal depends on the dialectical articulation between different scales of analysis and a qualified insertion into the public debate against denialism and ideological distortions of the medieval past.

Keywords: Medieval Studies; Scale Shifting; Global History; Microhistory; Public History.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF). Em estágio de pós-doutorado pela mesma instituição com fomento da FAPERJ. Pesquisador no Laboratório Translatio Studii UFF –. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5274-4322>. E-mail: edilson_menezes@id.uff.br.

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

Introdução

É um traço constitutivo da operação historiográfica, em níveis diversos, a sistemática autorreflexão: o desvelar das perspectivas e influências que animam um determinado contexto de produção historiográfica. Suas modas, predileções, ausências, referências etc. entram em voga com alguma regularidade. O caráter sistematicamente “revisionista” da operação historiográfica, palavra tão carregada de conteúdos semânticos datados, não deve desaguar na esparrela do tom pejorativo do termo (Rollemberg; Cordeiro, 2021, p. 60): a rigor, trata-se da função historiadora a de, regularmente, revisar uma série de prismas e pressupostos, de pôr em questão suas próprias marcas de historicidade – e, fundamentalmente, intencionalidades – na análise do passado.

Nesses termos, com alguma frequência, a comunidade historiadora é convidada a “reflexionar-se”, seja a partir de novos paradigmas, seja pela ocorrência de marcos temporais simbólicos; como, por exemplo, a consideração da conjuntura e acréscimos intelectuais desse um quarto de século XXI já transcorrido. Como a cigana de Macondo, de Gabriel García Márquez, que profetizava o passado, o historiador volta-se ao seu próprio ofício, tanto para reconsiderá-lo como para vislumbrar novos horizontes. O “futuro do passado”, portanto, ronda com alguma frequência as reflexões de historiadores que, com variados graus de consenso e dissenso, sublinham as indelévels marcas temporais da conjuntura de produções historiográficas consagradas, de perspectivas consolidadas, mudam paradigmas, refazem caminhos intelectuais. É, assim sendo, uma certa marca desse ofício: profanar-se, revisitar teses consolidadas, refazer percursos, dialogar com outras perspectivas, reafirmar-se etc. Ruptura e continuidade, além de marcas das operações do tempo, também o são dos profissionais dedicados a desvelar o passado das inúmeras camadas que o soterram, violam e modificam.

Nesse horizonte, e recusando tanto as formulações apressadas que anunciam o esgotamento do campo quanto as adesões irrefletidas a programas de renovação tomados como imperativos incontornáveis, o presente artigo propõe-se a interrogar criticamente os próprios caminhos da medievalística no século XXI. Sustenta-se, como hipótese de trabalho, que uma possível crise da medievalística, longe de configurar uma ruptura terminal, exprime antes uma inflexão reveladora dos limites de um modelo analítico historicamente ancorado em matrizes nacionais, fortemente eurocentradas e, não raras vezes, autorreferenciais. Limites estes, não

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

obstante, que se tornam particularmente visíveis quando observados a partir de contextos de produção do conhecimento situados fora de seus tradicionais centros de legitimação.

A partir dessa chave interpretativa, o texto busca articular, ainda que de modo necessariamente seletivo, um duplo movimento analítico. De um lado, propõe um diagnóstico das condições contemporâneas de produção da História Medieval, atentando às tensões entre tradições consolidadas — com destaque para o caso francês e brasileiro — e seus processos de institucionalização mais recentes. De outro, procura explorar as implicações dessas tensões para os domínios do ensino, da pesquisa e da extensão, compreendidos aqui como dimensões interdependentes de um mesmo campo de práticas, cujo reordenamento se apresenta como condição para qualquer pretensão de renovação disciplinar. É nesse entrelaçamento entre diagnóstico e projeção que se inscreve a dimensão avaliativa do presente artigo.

O jogo de escalas no bojo da análise historiográfica: encontros e desencontros

A discussão em torno dos enquadramentos analíticos, do micro ao macro, e vice-versa, animou as mais diversas gerações historiográficas. Ainda que em voga, nos últimos anos, a partir dos debates propostos pela história global, não se trata de uma novidade. Não obstante, encena-se nessas globalidades, novamente, o desafio posto à historiografia medieval do século XXI: justamente a [re]articulação das escalas no bojo do processo de produção historiográfica.

Jacques Revel reuniu, na década de 90, uma série de textos e esforços congressuais na obra intitulada, propositalmente, *Jeux d'échelles*. O amplo debate, sobretudo entre historiadores e antropólogos, a esteira das críticas e afluências em relação a *microstoria* italiana, é aqui requisitado como um dado ilustrativo, também, da própria historicidade dessas inquietações. Nas palavras de Revel, chamando a atenção para as escalas de observação de um determinado objeto, “o que acontece se, por convenção, alterarmos o foco da lente aumentando o objeto da observação? A aposta era fazer aparecer uma outra trama, uma outra organização do social” (Revel, 1996, p. 09). Revel chama atenção, fundamentalmente, aos impactos da escala de observação nos resultados historiográficos de determinada análise, o que ilustra o ponto aventado aqui: sob outras roupagens, terminologias e paradigmas, essa volta a ser uma questão à medievalística do século XXI. Ainda nos termos do autor:

À hierarquia dos níveis de observação, os historiadores referem instintivamente uma hierarquia de interesses históricos [...] todos compartilhamos espontaneamente a convicção de que existe uma grande e uma pequena história opostas por uma hierarquia de importância (Revel, 1996, p. 10).

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

Há proposições e tendências que vão, por vezes, nas mais diferentes direções intelectuais. Dado que, fundamentalmente, são expressões mesmas da diversidade e potencial da operação historiográfica em dada conjuntura. Não obstante, nos termos aqui mobilizados, por vezes, também se trata da consideração ao debate aparentemente pendular entre: ora exagero do nível do macro, que como um astronauta, não pode captar movimentos elementares mais abaixo (Hartog, 2013, p. 165-166); ora a potencial alienação da análise tão apregoada ao micro que não consegue notar conectividades e sistematicidades muito mais amplas.

Ao fim e ao cabo, ainda que se possa considerar essa uma falsa polêmica, o importante a sublinhar é que, além de reencenar debates de outrora em novas terminologias, ainda há muito a avançar no que se refere a integração das escalas nas análises. À guisa de exemplo, a afamada tese de Georges Duby, de 1953, sobre a região *mâconnaise* motivou uma série de debates e críticas a esse respeito (Duby, 1971). Em diversas ocasiões, a ponderação dirigida a Duby referia-se à excessiva particularização “micro” na região do Mâcon e que, portanto, ignoraria alguns elementos fundamentais mais amplos, menos tangíveis a tamanha redução da escala de análise. Afirma-se, naquele contexto, a tendência braudeliana e seu jogo de escalas. A resenha de Marcel Pacaut, na sequência da tese de Duby, ilustra a recepção relativamente polêmica da obra (Pacaut, 1954, p. 282-285), também discutida em suas impressões no conjunto da obra de Duby e com suas francas influências na historiografia brasileira (Franco Júnior, 1983). A questão, entretanto, ainda mereceu novas considerações e balanços que demonstram, de alguma forma, a vitalidade dos debates ensejados a partir dessa tese, em especial no que se refere ao debate teórico-metodológico promovido a partir desse jogo de escalas (Cheyette, 2002), sendo ainda alvo de reflexões quanto a sua importância no bojo do debate historiográfico francês (Brandi, 2006).

Não obstante, há outros debates que operam em termos parecidos: por exemplo, o *Mediterrâneo* (1949) de Fernand Braudel, largo demais para gerações de historiadores e historiadoras contemporâneos e posteriores ao autor. Um dos polos da crítica era, assim sendo, a amplitude da escala de análise e a cegueira implicada a outros vitais processos históricos também fundamentais, embora em escalas de observação menores. Novamente os “Tempos” e de que forma o considerá-lo, recortá-lo. No que se refere ao intuito da presente argumentação, cabe destacar que a inflexão braudeliana produziu uma transformação decisiva nas escalas de observação histórica. Como observa Ribeiro, ao tomar “o Mediterrâneo do século XVI como

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

tema de pesquisa”, Braudel alterava “não só as tradicionais escalas da região e do território nacional” como também deslocava “as questões políticas para a parte final”, subordinando os episódios às “estruturas da longa duração” (Ribeiro, 2010, p. 126). Tal operação inscrevia-se num “conflituoso contexto de transição entre duas concepções de História” (Ribeiro, 2010, p. 126).

Eram anos de crítica ao marxismo e ao que, supostamente, também se parecia com ele. O colapso do socialismo real e a dissolução da União Soviética alimentaram a percepção de uma crise dos paradigmas explicativos e das grandes teorias sociais (Dosse, 1992). Os estilhaços do Muro de Berlim pareciam, para alguns, anunciar de fato o “fim da história” (Fukuyama, 1992). Eram tempos de franco avanço pós-moderno e de crescente incredulidade diante dos metarrelatos (Lyotard, 1988), circunstância que atingiu também análises históricas de larga escala e robustez estrutural. O enquadramento teórico-metodológico, novamente, deslocou-se: ganhavam força a micro-história italiana e a redução das escalas de observação como estratégia heurística privilegiada.

O curto apanhado historiográfico realizado até aqui, não obstante, tem por objetivo fundamental chamar atenção a própria historicidade do jogo de escalas. O século XXI, atravessado intensamente dos novos contextos e avanços digitais, expôs à reflexão intelectual a novas problemáticas e desafios. Chamou a atenção da comunidade historiadora às conexões, aos circuitos e vínculos que supõem as tramas do tempo em uma escala muito mais ampla do que se conveniava fazer. A presente altura, os impactos de um mundo cada vez mais globalizado, interconectado e significativamente mais interdependente lança uma série de desafios do tempo presente que, não obstante, também clivam as impressões do pretérito (Conrad, 2016, p. 01-02). Embora seja imperativo sublinhar que não se trata em si de uma “novidade”: outras e tantas tendências analíticas empreenderam esforços em um sentido similar ao campo da história global, algumas inclusive referenciadas anteriormente. Todavia, é essa nomenclatura que atualmente coloca essas questões à pesquisa acadêmica, devidamente ampliadas à história medieval com suas pautas e desafios. Recoloca-se, portanto, a questão do jogo de escalas sob outras terminologias e procedimentos teórico-metodológicos ao pensamento historiográfico e, também, a medievalística que dobra o marco de um quarto do século XXI.

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

A história global, ainda em consolidação enquanto campo, expressa esse deslocamento ao mobilizar escalas múltiplas de análise, tensionar o internalismo metodológico e questionar os fundamentos narrativos das histórias nacionais; bem como, não obstante, a crítica ao eurocentrismo. Adotá-la ou não, a fundo, não se trata de uma imposição elementar à historiografia medieval; trata-se de mais um campo de considerações dentre outros possíveis. Todavia, uma série de questões levantadas no bojo desse esforço – ou mesmo de seus campos relativamente correlatos – impõe, aí sim, elementos à produção historiográfica do século XXI. O movimento de superar os limites da narrativa nacional – ainda presente em boa parte da produção acadêmica – e de reorientar a investigação histórica a partir de conexões, trocas, interações e redes que atravessam fronteiras convencionais, por exemplo, têm muito a contribuir à história medieval. Recoloca-a, no bojo do jogo das escalas, em uma operação de redimensionamento da própria Europa, e sua cristandade, em face de outras realidades, pondera o peso relativo atribuído histórica academicamente a esta.

Um de seus principais méritos reside na crítica à retroprojeção – e não a justa mediação a que muitos se dedicam - de categorias modernas e contemporâneas, como “Estado”, “fronteira” ou “soberania”, sobre contextos históricos anteriores à sua conformação. A despeito dos esforços nesse sentido, entretanto, o caminho ainda não está plenamente pavimentado e não faltam desafios e debates dos rumos historiográficos a se seguir (Drayton; Motadel, 2018, p. 08-11). Todavia, a se pesar as resistências e dificuldades institucionais, qual impacto dessas problemáticas globais sobre o fazer e pensar Idade Média dos medievalistas? Da aderência à plena rejeição, pouco crível seria o silêncio em face de ponderáveis questionamentos e proposições, em especial, em face de um mundo contemporâneo digital que tende a aprofundar-se e produzir novas inflexões à operação historiográfica atual.

A série de novas ponderações capitaneada pela história global é relativamente grande. Por exemplo, a despeito do eurocentrismo fundante da tradição acadêmica europeia, as imposições analíticas e fundacionais da historiografia no século XIX constrangeram, sob a ótica do Estado-nação, a própria história europeia pretérita a adequar-se ao paradigma das “origens medievais” da Europa – o esforço de “associar os séculos V-XV à formação da Europa” (Silva, 2020, p. 03). Ainda que a crítica a esse modelo das “raízes medievais” tenha sido, em grande medida, superada, compreendido em sua historicidade e motivações, o peso do nacionalismo e dos recortes nacionais ainda se faz sentir. Seja pelas vias da tradição acadêmica ainda imposta

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

e reproduzida, seja pelos desafios institucionais colocados ao financiamento e produção de pesquisas que rompam tais recortes, os enquadramentos nacionais ainda possuem grande fôlego e influência na produção de história medieval. Nos termos de uma proposição de reflexão da historiografia medieval, realizada sob as marcas do século XXI, esse é um ponto que merece atenção. Não apenas pelo estranhamento produzido à análise historiográfica, com seus potenciais desvios, de recortes nacionais tão exógenos a própria história medieval, mas também pelas consideráveis perdas analíticas de sua imposição nacional. A crítica proposta ao internalismo metodológico tem amplo potencial de fomentar outras leituras possíveis de recortes medievais. Como o citado Braudel em seu contexto de produção que, ainda que se sopesem as críticas e datações de sua obra, produziu impactos à comunidade historiadora em seu período com um franco alargamento de perspectivas. Houve ganhos, ainda que sob um viés metodológico, à historiografia de seu tempo. Tal qual tem a história global, e outras tendências analíticas, a contribuir e renovar o campo da medievalística.

A se tomar como ilustração o que se poderia intitular uma “história política medieval”, o padrão de territorialidade mobilizado continua, em boa medida, legatário direto de uma série de debates teóricos que podem ser sintetizados na produção de Max Weber, talvez o mais eloquente e duradouro representante do pensamento da época (Hirsch, 2014, p. 15-16). Tratava-se, portanto, às expensas do modelo weberiano de Estado, de retroprojetar o enquadramento de territorialidades fixas, com fronteiras territoriais bem delimitadas, sob a égide de uma forma estatal que – dentro das margens territoriais estabelecidas – poderia legitimamente exercer o afamado monopólio legítimo da violência, bem como da justiça e taxaço (Weber, 1999, p. 525-529). O quão essa perspectiva de projeção teórica, tão tradicional entre diversas gerações dos *Annales* por exemplo, impôs condicionantes e estranhamentos a análise do medievo? Repensar as margens dos enquadramentos nacionais ao medievo, também, em boa medida, é repensar elementos basilares de territorialidade. Não que autores como Weber devam ser deslegitimados, ao contrário, mas a aplicação e aplicabilidade de suas teorias e considerações devem ser mediadas em face das próprias realidades objetivas.

O recorte nacional é tão poderoso e operante que acaba sendo uma espécie de triagem institucional e metodológica: as fontes, seus depositários, financiamentos, enquadramentos institucionais e profissionais etc.; uma série de condicionantes básicas da própria organização da produção historiográfica obedece às marcas nacionais. Portanto, ainda que consolidadas as

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

correntes que demonstraram criticamente a historicidade dessa “retroprojeção nacional” e o peso, historiográfico e ideológico, de sua manutenção, a prática historiadora ainda é cooptada sob esses marcos. A globalidade do mundo atual e o questionamento de diversos campos analíticos recoloca a discussão em voga, sob novos desafios e signos, e tensionamentos que a medievalística do século XXI pouco pode ignorar ou, ainda, seja proveitoso motivar o arejamento do campo com tais problemáticas.

Não se trata, entretanto, como uma filiação obrigatória, mas como uma oportunidade de balanço e direcionamentos que se pode extrair desse debate coletivo. Cabe sublinhar, inclusive, que o próprio campo de história global ainda está debatendo suas próprias definições. A “polissemia conflituosa” e as disputas diversas acerca da bandeira desta, talvez, marquem um campo ainda pouco conciso, transpassado por consensos provisórios e apropriações teórico-metodológicas diversas (Douki; Minard, 2007, p. 07-10). O que, em si, não se trata fundamentalmente de um problema. Ao contrário, é o debate e a prática concreta da medievalística que vai encaminhar suas próprias conclusões; resta, primeiramente, o mérito da instigação do debate. Ilustra o argumento as polêmicas acerca da devida caracterização do campo, seja pela terminologia adotada (história mundial, *big history*, história conectada ou global?) (Conrad, 2016, p. 05-07), as tendências analíticas relativamente similares e anteriores ao *global history* (história universal, transnacional) (Maurel, 2009, p. 156-157) ou mesmo as possibilidades de identificar “intelectuais globais” *avant la lettre*, como já se argumentou até mesmo sobre a obra de Ranke no século XIX (Drayton; Motadel, 2018, p. 02-04). A própria definição do que seria globalização prossegue em disputa e enseja controvérsias relativamente espinhosas entre os historiadores (Mazlish, 2006, p. 07-08), mas seria possível, não obstante, a partir de uma definição abstrata e provisória, pensar a utilização metodológica do acervo proposto no campo da história global. A esse respeito, afirmou Mazlish logo na abertura de seu livro:

Como definição preliminar de globalização, podemos oferecer, neste ponto, a seguinte: trata-se de um conjunto de transformações históricas que conduzem a um grau cada vez mais elevado de interdependência e interconectividade. Uma consciência dessas transformações é amplamente partilhada em escala global, assim como a percepção de que elas estão afetando a experiência humana (Mazlish, 2006, p. 01).

“Interdependência e interconectividade”, talvez, sejam as bandeiras mais exaltadas no campo da história global no esforço de apreender a riqueza de fatores que outras escalas de

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

análise podem revelar, embora não se deva subestimar os riscos e possíveis deformações, além do “uso inflacionado dos termos como global, transnacional, intercultural” (Drayton; Motadel, 2018, p. 07). Entretanto, não é o objetivo desse artigo traçar a genealogia do que se conveniu chamar de história global e seus polos de disputa, mas sim chamar atenção aos traços essenciais de sua abordagem. Como apontado, um dos alvos elementares dessa corrente é contra o “internalismo metodológico”, a partir de variantes diversas como Estado-nação, civilização, império etc. (Degan; Junior, 2019, p. 229-230). Nessa perspectiva, “ao longo dos anos, a história global surgiu como uma alternativa à História Nacional, na medida em que soube salientar os fenômenos de interdependência e os processos de integração em escala planetária” (Silva, 2020, p. 05).

O acento às interconectividades enquanto, também, uma alternativa ao paradigma da história nacional é um dos fatores que chama a atenção a uma série de discussões em sua esteira e que, em especial às discussões das fronteiras territoriais no medievo, abre margem a outras possibilidades analíticas. Ainda que o paradigma global pareça estranho a períodos anteriores a um processo de globalização de fato, o professor Marcelo Cândido sinaliza:

O desafio da História Global antes da globalização é o de identificar os diversos níveis e escalas nos quais as comunidades se constroem, se modificam, interagem entre si (...) suas abordagens comparatistas em várias escalas espaciais e temporais, quando aplicadas às sociedades antigas, podem lançar uma nova luz sobre os processos de emergência, de resiliência e de transformação das comunidades antes da fabricação dos Estados Nacionais (Silva, 2020, p. 06-07).

A crítica ao “nacionalismo metodológico” fundante da constituição das disciplinas acadêmicas, no século XIX europeu, hipotecadas a perspectivas internalistas ou genealógicas do pensamento histórico” (Conrad, 2016, 03-04), sem dúvida, chama a atenção a problemáticas há muito remediadas.

Não obstante, tais proposições enfrentam uma série de desafios e resistências. A tradição historiográfica francesa, a despeito de seu relativo provincialismo acadêmico e ciosa da perda de relevância internacional em face dos encaminhamentos anglófonos (Grosser, 2011, p. 03-05), tem uma apreensão consideravelmente crítica da história global. Uma das críticas, que nos parece extremamente arguta, é a naturalização da globalização, bem como sua vinculação político-ideológica marcadamente estadunidense (Maurel, 2009, p. 164). A progressiva – e aparentemente inescapável – conectividade é apreendida, no geral, apenas pelo seu viés positivo, do que genericamente soma-se de forma proveitosa à humanidade. Oblitera-se da análise o véu de fundo da globalização, seu dinamismo elementar, o capitalismo – com suas

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

misérias, guerras, tragédias e barbaridades. Essa “aldeia global”, na análise historiográfica, não pode subsumir-se a sua naturalização positivada, bem como sublimar o caráter neoliberal, que os franceses destacam bem, que parece orientar diversas análises da história global (Maurel, 2009, p. 165-166).

O prognóstico neoliberal, do final do século XX, às expensas da queda do Muro e da alternativa socialista, era que o mundo caminhava a uma inexorável integração, estando os Estados nacionais e nacionalismos em vias do fim a favor de um “mundo sem fronteiras”. O que se nota, entretanto, é que a “corrente de nacionalismos antiglobalização está em pleno curso (...) contida em sua crítica à história global – e aos seus praticantes cosmopolitas e desenraizados – está a ideia de que ela teria buscado “ofuscar” os marcos nacionais de investigação” (Drayton; Motadel, 2018, p. 01). As “reações nacionalistas” variam desde lógicas acadêmicas, como os franceses e seu conservadorismo institucional e sua “focalização franco-francesa” (Douki; Minard, 2007, p. 16-19)– vide as duras reações a obra de história mundial de Boucheron na França (Silva, 2020, p. 10) –, passando pelas profundas desconfianças “às modas estadunidenses” (Maurel, 2009, p. 153-154) às reações políticas a “própria antiglobalização é um fenômeno da globalização, e geralmente busca reconstituir o lugar da nação no mundo, em vez de recuar para uma autarquia desconectada. O “America First” de Trump e seus análogos internacionais são apenas as encarnações mais recentes dessa dialética reacionária” (Drayton; Motadel, 2018, p. 02).

Não se pode obliterar do bojo dessas considerações a potencial “obsessão global” (Conrad, 2016, p. 14-16), o que pode clivar a abordagem a um esforço prévio de submeter os objetos de análise a uma perspectiva global o que implica a falta de rigor de muitas análises totalizantes. No bojo da “metáfora do astronauta”, a ampliação demasiada da escala de análise pode, sem dúvida, infringir deformações à análise, pois poderia o historiador visualizar a história como um astronauta, sem recair em uma espécie de hegelianismo do século XXI? (Hartog, 2013, p. 165-166). Há certo pessimismo, por vezes exagerado, como se nota a seguir:

O historiador conexcionista enxerga com outros olhos suas fontes, alarga desse modo a noção de documento, multiplica seu questionário. A busca por conexões, todavia, desenhando, no fim, uma rede, não pressupõe, ao contrário, que exista uma história do mundo e um possível ponto de vista único sobre ela (...) (Hartog, 2013, p. 178-179).

Não se trata, não obstante, de um “ponto de vista único” nem sobre as conexões, sequer da História. A rigor, “o objetivo da história conectada é outro: ele procura superar os

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

compartimentos, aqueles dos historiadores nacionais como aqueles das áreas culturais, para fazer emergir os modos de interação” (Douki; Minard, 2007, p. 20-21). Como pode a historiografia medieval do século XXI reagir, posicionar-se ou mesmo superar dialeticamente esses parâmetros?

Deve-se sublinhar, conquanto, que a pequena trajetória alinhada nos parágrafos anteriores acerca do jogo de escalas e suas marcas em gerações intelectuais diversas presta-se ao intuito de exemplificação didática da argumentação proposta. Naturalmente não seria possível reduzir tamanhas e tantas tradições historiográficas em tal dicotomia; há esforços os mais variados que não se sintetizam em duas cores. O intuito, entretanto, é assinalar, com certa exemplificação, que a questão possui uma considerável historicidade. Assim sendo, a proposição mobilizada, em si, consiste em destacar que, dentre as questões postas à atualidade da produção historiográfica, a indagação, articulação e tensão entre níveis e escalas de análise tem, em si, sua própria historicidade. Conviria considerar e reconsiderar autores e obras, oriundos de outras épocas e escolas historiográficas, sob esse viés. Há tantas conquistas – dignas de serem destacadas e aprofundadas – e fracassos – que conviria não repetir – enquanto acervo intelectual, apontamentos metodológicos, um inventário de problemáticas e empreendimentos muito úteis às atuais pesquisas.

A contestada cidadania da historiografia medieval

Joseph Morsel, em instigante reflexão, problematizou a relação de estudantes franceses com a história medieval — e, em certa medida, com a própria História — destacando dificuldades de recepção e desinteresses manifestos pelo recorte medieval, constantemente instado a justificar sua existência acadêmica (Morsel, 2007). Como é possível sublinhar a partir de Morsel, não se trata de uma novidade, embora intensificada no tempo que se seguiu após a publicação referenciada. Tal quadro expressa também as tensões internas do próprio campo, atravessado por disputas epistemológicas e institucionais, não raro agravadas pelas críticas contemporâneas à centralidade de uma medievalística eurocentrada. Essas deslegitimações não são estranhas à experiência brasileira, como ilustraram os debates em torno da BNCC e as tentativas de redução ou exclusão da História Antiga e Medieval dos currículos escolares (Lima, 2009). No campo acadêmico, as tensões por vezes não são menores. Não se trata de nenhuma novidade no que se refere ao mundo acadêmico. Em vários momentos e circunstâncias a história medieval foi contestada, posta em suspeição ou desprestigiada em relação a outros

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

enquadramentos institucionais da própria organização acadêmica. Não deixa de ser, ainda, uma problemática latente do campo em face às novas circunstâncias do século XXI.

Em se tratando, ilustrativamente, mais especialmente do caso brasileiro, tem marcado parte do debate acadêmico do campo de história pública (Mauad; Almeida, 2016). As marcas do tempo, por assim dizer, são manifestas: o avanço do mundo digital, redes sociais, vídeos, canais e toda uma gama de produções a respeito de história marcou o debate público no Brasil. A recente influência política das redes sociais enquanto fenômeno social dos últimos anos, em fragorosa expansão ao passar dos anos, lançou – em especial na tensionada política brasileira – as apropriações e reapropriações do passado histórico. Ocorreu nos últimos anos, talvez inversamente ao que se poderia esperar, uma explosão de produções que recorriam à História: além dos inúmeros canais e contas nas redes sociais, games, documentários, livros etc.

Não obstante, o que poderia ser tão somente bom, caso fosse possível apagar as circunstâncias históricas de tal emergência, abriu fraturas. Em se considerando um “debate público” a intercomunicação de vários agentes sociais envolvidos diretamente na produção de determinadas interpretações, e sendo abordagem elementar da história pública o pensar desse diálogo e o que produz, houve um acirramento do debate político a respeito de temas históricos. E, dados os horrores da dita era digital, emergiu globalmente o fenômeno das *fake news*, das distorções mais torpes da realidade, ocorreu a inversão de expectativa: o que poderia parecer bom ao primeiro olhar, tornou-se potencialmente deletério, concorrendo à deslegitimação de profissionais e da própria factualidade científica do conhecimento. Traduzindo elementos dessa conjuntura, é possível sublinhar:

Trata-se de investigar os usos políticos do passado na elaboração de uma narrativa pública que legitime as pautas autoritárias produzidas pela extrema direita. Entendemos que as narrativas negacionistas constituem uma estratégia importante na busca de legitimidade para o projeto autoritário a partir do uso de velhos e novos medos, agora potencializados pelo uso indiscriminado das redes sociais na disseminação do ódio e das *fake news* (Maia, 2023, p. 03).

Não apenas as apropriações e reapropriações do passado, mas também a pura mentira, a falsificação histórica fragorosa. Os “acirramentos das redes” sobre temas históricos, em um cenário de expansão do “espaço público” de debate – fundamentalmente digital -, também levantou problemáticas à comunidade historiadora sobre sua própria participação e inserção no debate geral. Chamou a atenção o isolamento histórico da academia brasileira em relação à maior parte da sociedade. Chocou, por vezes, que a válvula do “argumento de autoridade” em

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

tempos de tamanha liquidez digital tenha enfrentado tamanho decréscimo. Tempos de descrença na ciência, na comprovação empírica, na veracidade dos fatos. Os historiadores, os supostos detentores do “argumento de legitimidade”, também se sufocaram nesse processo; bem como o dos medievalistas em particular.

A medievalística brasileira, desde sua constituição mais sistemática, convive com a suspeição de tratar de um passado supostamente estranho ou desvinculado da experiência histórica nacional. A velha indagação — por que estudar a Idade Média no Brasil? — em suas múltiplas formulações, é sintomática dessa tensão, e mobilizou parte importante da reflexão historiográfica nacional nas últimas décadas. Como se a cronologia medieval, apartada das narrativas tradicionais da formação nacional, devesse continuamente justificar seu lugar na economia dos saberes históricos. Tal exigência, não raro, revela menos uma ponderação epistemológica rigorosa do que uma hierarquização tácita dos passados legítimos, segundo sua proximidade imediata com agendas políticas, identitárias ou nacionais do presente. No século XXI, contudo, essa antiga suspeição ganhou novos contornos. Não apenas porque a medievalística foi atravessada pelos dilemas gerais da historiografia contemporânea, pela fragmentação analítica, os debates sobre escalas, os usos públicos do passado e a erosão de consensos interpretativos, mas porque o próprio “medieval” tornou-se objeto de disputas simbólicas renovadas. Em um cenário de vulgarização digital do passado, de circulação massiva de imagens caricaturais do medievo e de instrumentalização política de signos e narrativas medievais, a Idade Média converteu-se, com frequência, em repositório de fantasias ideológicas, metáforas regressivas ou referências identitárias simplificadas.

Ora, em se tratando das considerações sobre os desafios da medievalística no século XXI, não se pode negar o considerável peso dessas questões. O problema não se limita à sobrevivência institucional do campo, ainda que esta, por si, já fosse suficientemente grave. Trata-se também da redefinição de seus modos de inserção pública, de suas linguagens de intervenção e de suas estratégias de legitimação social. Se outrora bastava a autoridade institucional da cátedra, do livro especializado ou do artigo científico, hoje tais suportes parecem insuficientes diante da velocidade de circulação das narrativas concorrentes, da democratização dos meios de enunciação e da horizontalização — real ou aparente — da autoridade discursiva. Aventa-se, portanto, não apenas a problemática — que recomenda alguma urgência — de qual é o papel dos historiadores e a natureza de sua intervenção no debate

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

público. Não no sentido aristocrático de arvorar-se o detentor do monopólio das interpretações sobre o passado histórico, como se a memória coletiva pudesse ser reservada a um pequeno grupo social legitimado pela academia. Essa seria uma opção não apenas delirante, mas epistemologicamente ingênua, por desconhecer a natureza mesma da matéria histórica, permanentemente sujeita à pluralidade interpretativa, à disputa narrativa e aos usos sociais do passado. Tampouco se trata de capitular a um relativismo absoluto, em que toda enunciação sobre o passado se equivaleria indistintamente. Entre o monopólio aristocrático da interpretação e a dissolução completa dos critérios de validação histórica, parece residir o espaço possível — e necessário — da intervenção pública do historiador.

Talvez resida aí um dos maiores desafios contemporâneos da medievalística: não apenas produzir conhecimento rigoroso sobre o passado medieval, mas disputar publicamente os sentidos do “medieval” no presente; não apenas formar especialistas, mas intervir pedagogicamente na esfera pública; não apenas preservar sua cidadania acadêmica, mas reafirmar sua relevância social. Em um tempo em que a História é contestada, caricaturada ou instrumentalizada, a medievalística é chamada, simultaneamente, à defesa da disciplina e à defesa de si mesma.

“O futuro de um passado”

A imagem utilizada por Alain Guerreau no título de sua obra, *L'avenir d'un passé incertain* (2001), aos interesses do presente artigo, é interessante. A comunidade historiadora, com alguma frequência, no bojo de suas tendências e especialidade, é convidada à reflexão do tempo presente, avaliação de conjunturas, aos prognósticos de futuro — esse indecifrável tempo que foge a este ofício.

Como se pode apontar até aqui, seja através do recorte epistemológico do debate e interrelações do jogo das escalas, seja pelas pressões digitais de novas práticas sociais, espaços de debates e seus tensionamentos, os desafios são amplos. O próprio fazer historiográfico está hipotecado às suas próprias conjunturas históricas, para além das impressões intelectuais. São conjunturas políticas, avanços e retrocessos, colapsos e reconfigurações etc. Os fundamentos de historicidade de cada período histórico. O “ofício do historiador”, pensado por Marc Bloch, por exemplo, carrega as impressões de um mundo em guerra, seu pensar e fazer historiográfico. Não obstante, expressão de novas condições do século XXI, talvez poucas gerações de historiadores tenham vivido a aceleração e impacto de tantas novas implicações pragmáticas

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

em sua prática profissional como a atual. O “mundo das mercadorias” nunca foi tão acelerado, condicionador, como os últimos anos dessa era digital.

As implicações e marcas desse processo, tão escancaradas à época da recente pandemia, não podem fugir ao debate dos desafios e perspectivas da medievalística do século XXI. A prática historiográfica é, também, refém de seu tempo. Mais algoritmos, menos livros. Conteúdos em ritmo de fast food em profusão nas redes, menos apreço à verificação, veracidade, ciência. Como não considerar tantas influências nessa prática profissional tão associada à imagem envelhecida dos arquivos, das bibliotecas, do passado? A forma de se organizar, articular, divulgar, debater etc. no próprio espaço acadêmico muito se alterou. Resta, por vezes, o esforço de considerá-la, compreendê-la, agir coletivamente sobre. Não na defesa anacrônica de uma Academia do passado, mais descolada do debate público, das interrogações sobre sua funcionalidade, mas a capacidade de encarar criticamente tais processos e seus impactos sob a prática historiográfica. Nem tudo nos convém, nem tudo é rejeitável, mas, a fundo, o que potencializa a prática acadêmica e sua inserção qualificada no debate público de conhecimento.

Nesses termos, retoma-se o constrangimento original: se aventar futuros e conjunturas é complexo, pior ainda em face de tamanhos desafios. Sobretudo aqueles que, fundamentalmente, fogem completamente ao campo de ação dos historiadores. Em suma, o que depende do poder público, as novas sociabilidades e práticas sociais correntes, como o advento da “realidade digital”. Quanto ao primeiro caso, sem romantismos, diversas iniciativas dependem de financiamento, da pesquisa à extensão, e suas possibilidades. Intercâmbios e estabelecimento sistemático e articulado de cooperações internacionais, nacionais, ampliação de acesso editorial – da compra financiada ao acesso público –, expansão da divulgação bibliográfica digital e legalizada etc. Tantos elementos basilares que nos fogem. Porém, por outro lado, dentro das limitadas possibilidades acadêmicas, ainda possa parecer aventureiro tecer grandes possibilidades intelectuais. A rigor, a resposta a tais desafios é prática, com francas doses de imprevisibilidade, às próprias questões do tempo presente. O que não diferencia a atual geração de nenhuma outra. Talvez, fundamentalmente, seja a maior articulação dessa prática, da ação associativa da comunidade historiadora, somada certamente a outros campos de pesquisa, ensino e extensão, que possa oferecer respostas qualificadas. Potencializar o debate, a articulação, a crítica, ao diálogo. Diminuir a fronteira entre departamentos, perspectivas,

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

institucionais no que possa fomentar – ainda que contraditória e tensamente – a vivacidade da prática historiadora e intelectual: o movimento, a superação dialética.

São tempos, ainda sob as escusas em proposições conjunturais, que parecem determinantes a reformulações acadêmicas, da organização mesmo do conhecimento científico. Seria quixotesco, em alguns casos, supor ser factível a resistência a certos novos processos e procedimentos. Todavia, nunca convém a absoluta capitulação e, até mesmo nisso, restará ao debate coletivo e a articulação do campo a consideração do que potencializa nossa prática e do que a vilipendia. Não obstante, em face de novas e tantas globalidades, que lançam questões à concepção do conhecimento por vezes, seria proveitoso de fato tocar em complexos desafios. Dentre as marcas constitutivas do campo da História Medieval no Brasil esteve o sistemático esforço de diálogo — por vezes assimétrico — com a produção europeia, especialmente francesa, movimento que foi fundamental à consolidação institucional da área, mas que em alguns momentos tolheu a elaboração de agendas internas próprias (Nogueira, 2002). Sobre as dificuldades desse processo de consolidação inicial, Andréia Frazão da Silva esclarece que:

Eram poucos os doutores que obtiveram seu título pesquisando sobre a Idade Média desde a graduação e, salvo em algumas poucas universidades, era muito raro encontrar um especialista atuando como docente na própria área. Quanto ao material bibliográfico, as editoras brasileiras publicavam poucos títulos com temáticas relacionadas ao medievo; não existiam periódicos nacionais dedicados exclusivamente ao período, e as bibliotecas universitárias não possuíam em seus acervos muitos materiais sobre a Idade Média e, em muitos casos, quando disponíveis, eram obras importadas e muito antigas (Frazão, 2013, p. 03-04).

Talvez pelas próprias pressões inerentes ao estudo de um recorte cronológico-espacial percebido como “exógeno” à história nacional, a medievalística brasileira conformou-se, em larga medida, em recorrente filiação aos debates europeus. Como demonstrou Renan Birro, houve inclusive um “predomínio do colonialismo cultural francês” na conformação de parte da historiografia medieval nacional (Birro, 2020). Isso não implica, contudo, mera reprodução: desenvolveu-se no país uma reflexão “distante”, enriquecida por perspectivas próprias. Essa posição periférica permite o que Aline Silveira, mobilizando as reflexões de José Rivair Macedo, identifica como uma vantagem epistemológica:

Ressalta-se a contribuição de medievalistas brasileiros em apresentar um novo olhar, o olhar do “outro”, sobre a historiografia europeia e a importância da divulgação crítica e renovação do conhecimento histórico. [...] Optamos por uma via diferente daquela carregada de etnocentrismo, que atribui aos “exploradores” e “aventureiros” cristãos medievais uma primazia nas viagens intercontinentais que não tiveram,

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

observando o fenômeno das relações entre viajantes do Velho Mundo numa posição privilegiada (Silveira, 2016, p. 40).

A questão, portanto, não reside em uma recusa simplista da tradição europeia, mas na ampliação da massa crítica do campo em termos menos subjacentes, em chave mais horizontal e conectada. Em contrapartida, caberia também aos centros europeus um esforço de descentralização de seus próprios espaços de debate, reduzindo os “traços provincianos” de certas tradições historiográficas, como sugerem Douki e Minard (2007), ou mesmo “provincializando a Europa” (Chakrabarty, 2000).

Considerações finais

O desafio proposto pelo presente dossiê, qual seja, pensar em desafios e caminhos da medievalística do século XXI, é hercúleo. A massa crítica produzida, ao menos, nos últimos vinte e cinco anos deste século, vastíssima. Mesmo em face de um recorte nacional, que seja, como centralizar atenção na historiografia brasileira, o esforço continua monumental – tal qual provisório, feito a muitas mãos. Em face de tal montanha, resta ao pesquisador recortar, sublinhar esforços em determinado ângulo temático.

A proposição do presente artigo foi considerando a tríade acadêmica, justamente, abordar a questão, em um nível mais geral, de elementos vinculados aos desafios de pesquisa, ensino e extensão acerca do recorte medieval. Parece inescapável em um mundo cada vez mais digitalizado, conectado, considerar uma série de problemáticas e impactos que se produzem sobre a academia, o conhecimento científico e a produção historiográfica. A traumatizante experiência da pandemia da COVID, por exemplo, dentre tantos impactos humanitários, influiu diretamente na prática acadêmica com o advento das atividades remotas, de um maior potencial de divulgar eventos e produções acadêmicas etc.; mas também com seus desafios e potenciais impactos negativos.

Talvez, por tamanhos impactos, a academia diminuiu sua tradicional distância com as reflexões e debates populares, se não pela via da própria inserção voluntária, pela via da imposição de novas práticas sociais. O espaço digital ampliou o espaço público de debate; para o bem e para o mal. As influências e impactos sob a organização da produção acadêmica, seus espaços institucionais ou não de inserção, das novas inquietações e problemáticas etc. influiu em como se pensa e se pratica a produção historiográfica sobre Idade Média, sobre o ensino de

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

história medieval, sob as possibilidades de diálogo do campo com outros setores sociais. Pesquisa, ensino e extensão.

Esses desafios, em muitos níveis, estão entrelaçados, conectados. A despeito de tantas resistências e contradições mencionadas ao longo do artigo, certas conjunturas históricas têm uma espécie de força de imposição que, por vezes, arrasta até mesmo os renitentes. A própria ampliação da reflexão sobre ensino de história, inclusive com novas possibilidades institucionais como o ProfHistória (2026), é um exemplo disso: tem se imposto cada vez mais a necessidade de se pensar ensino e, portanto, de certa forma tensionar a academia a pensar seu próprio diálogo público, sua importância de existência mesmo em face de uma sociedade cada vez mais tendenciosa a desprezar seu investimento público, seu lugar de produção por excelência da produção do conhecimento científico etc.

Por assim dizer, até mesmo a produção do conhecimento acadêmico foi cooptada pela lógica das visualizações. Bem como os desafios e aspectos deletérios dessa lógica. No intuito, conquanto, de se refletir sobre as formas e temáticas da pesquisa acadêmica realizada no presente século, novamente a imposição do recorte de abordagem: procurou-se destacar, sob o prisma do enquadramento do “jogo de escalas”, um elemento primário do ofício do medievalista, qual seja, estabelecer recortes. Tais recortes, ou as formas conveniadas no bojo de determinadas gerações de intelectuais, remetem aos debates ensejados pela história global, mas acompanhada do giro decolonial, pós-colonial e de verves pós-modernas que ainda campeiam pela historiografia brasileira. Destacou-se, nesse ínterim, além do convite ao debate e reflexão, as interrelações de proposições desses novos campos em face a tradições historiográficas outras e os enquadramentos tradicionais da história social – que, talvez, ainda predomine no quadro historiográfico atual.

É, portanto, um desafio da atual medievalística considerar, não somente o debate ao redor dos jogos de observação que lhe atravessam, mas sim o intenso diálogo entre as mais diversas tendências analíticas. Não é necessário que, fundamentalmente, o recorte provincial, local, seja antagônico à abordagem mais geral, sistêmica, global; ao contrário, talvez o cerne da produção de massa crítica de determinadas gerações historiográficas seja a mescla. Em que se somam, em que se subtraem, mas essencialmente em que colaboram a composição de um quadro de interpretação histórica, considerados em suas mais diversas escalas em sua mescla

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

dialética. Não se deve esperar, naturalmente, a composição de um belo quadro de escalas em perfeição, em harmonia. Isso seria antagônico ontologicamente com a própria condição da conformação do ser social: a contradição, o choque que move, a dialética.

O quadro de interpretação histórica produzido por alguma geração ou escola historiográfica, portanto, vai expressar contraditoriamente o infundável movimento da realidade. Convida-se, assim, ao diálogo, ao embate crítico, as trocas, não apenas entre setores acadêmicos fechados em si, em perspectivas excludentes, mas ao que se pode produzir a partir disso. Como podem medievalistas resistir a tantos ataques à área em si, enquanto produção acadêmica de conhecimento, senão aprofundando diálogos, intervenções conjuntas, formas associativas mais amplas etc.? Quando muito, ao menos, que seja o diálogo intelectual aquele a promover a interconexão crítica, que pode enriquecer mais as próprias perspectivas em diálogo do que seu isolamento no seu próprio absoluto.

Não obstante, os grandes debates historiográficos já marcaram gerações inteiras de historiadores e produziram, por vezes em franco choque, uma riqueza ampla de produções, interpretações e acervos intelectuais ainda requisitados. Defendeu-se, portanto, ao longo do artigo que, do micro ao macro e vice-versa, o profícuo está mais na integração dialética do que o isolamento; evita-se, ao extremo, a reencenação de antigos debates acadêmicos em novas terminologias, as falsas polêmicas, promove os choques analíticos, o esforço de resposta, da tréplica, da possibilidade da concordância. Todavia, há impressões que acabam sendo mútuas. É a crítica. E não seria esse o núcleo de movimento da produção de conhecimento, que nunca é unitário, e que se reproduzem e ampliam justamente a partir desses choques, qual seja, a crítica? Ou ainda, inversamente, não se tem reduzido esses espaços, diálogos, e o potencial da crítica que não se encerra em uma troca endógena? No contestado mundo acadêmico, a medievalística, que ainda deseja sentar-se à mesa da plena e respeitada cidadania, tem certamente uma agenda de desafios contemporâneos. Esboçou-se um quadro historiográfico, sob o viés metodológico, do jogo das escalas em tendências atuais; convém, como dito, comungá-las. Há espaços, mas pontes deverão ser erguidas.

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

Referências bibliográficas:

- BIRRO, Renan Marques. **A Idade Média Brasileira?** Colonialismos e medievalismos historiográficos (c.1900-1940). Antíteses, Londrina, v. 13, n. 26, p. 556–584, 2020
- BRANDI, Felipe. Georges Duby. **Penser l’histoire. La construction d’un modèle d’histoire sociale en France (1950-1980)**, L’Atelier du Centre de recherches historiques [En ligne], Les thèses du CRH depuis 2009, mis en ligne le 22 mars 2018, consulté le 23 avril 2026. URL: <http://journals.openedition.org/acrh/8332>
- CHAKRABARTY, Dipesh. **Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference**. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- CHEYETTE, F.L. Georges Duby’s Mâconnais after fifty years: reading it then and now. **Journal of Medieval History**, Volume 28, Issue 3, 2002.
- CONRAD, Sebastian. **What is Global History?** New Jersey, Princeton University Press, 2016.
- DEGAN, Alex; JUNIOR, Lindener Pareto. **História global, histórias conectadas: debates contemporâneos**. Esboços, Florianópolis, v. 26, 2019.
- DOSSE, François. **A história em migalhas: dos Annales à Nova História**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- DOUKI, Caroline; MINARD, Philippe. **Histoire globale, histoire connectées: un changement d’échelle historiographique?** Revue d’Histoire Moderne & Contemporaine, 54-4 bis, 2007.
- DRAYTON, Richard; MOTADEL, David. **Discussion: the futures of global history**. Journal of Global History, 13 (1), pp. 1-21, 2018.
- DUBY, Georges. **La société aux XI^e et XII^e siècles dans la région mâconnaise**. Coleção "Bibliothèque Générale" da "École Pratique des Hautes Études. VI^e Section". S.E.V.P.E.N. Paris. 1971.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. Georges Duby e o outro lado do Feudalismo. **Revista de História**, São Paulo, n. 115, p. 159–165, 1983.
- FRAZÃO DA SILVA, Andréia Cristina Lopes. Os estudos medievais no Brasil e o diálogo interdisciplinar. **Medievalis**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 2013.
- FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- GROSSER, Pierre. L’histoire mondiale/globale, une jeunesse exubérante mais difficile. Vingtième siècles, **Revue d’histoire**, 2011.
- HARTOG, François. Experiências do tempo: da história universal à história global? **Revista História**, Histórias, Brasília, vol. 1, n. 1, 2013.
- HIRSCH, Joaquim. **Teoria materialista do Estado: processos de transformação do sistema capitalista de Estado**. Rio de Janeiro: Revan, 2014.
- LIMA, Douglas M. X. de. **Uma História Contestada: A História Medieval na Base Nacional Comum Curricular (2015-2017)**. Anos 90, 26, 2019.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

O “JOGO DE ESCALAS” EM QUESTÃO: DESAFIOS E PROBLEMÁTICAS DA MEDIEVALÍSTICA DO SÉCULO XXI

EDILSON ALVES DE MENEZES JUNIOR

MAIA, Tatyana de Amaral. Negacionismo histórico e emergência da extrema direita: a crise do regime moderno de historicidade no Brasil (2019-2022). **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 39, n. 81, 2023.

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (org.) **História Pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo, Letra e Voz, 2016.

MAUREL, Chloé. La World/Global History: questions et débats. Vingtième siècle, **Revue d'histoire**, 2009.

MAZLISH, Bruce. **The New Global History**. New York, Routledge, 2006.

MORSEL, Joseph. **L'Histoire (du Moyen Âge) est un sport de combat...** Réflexions sur les finalités de l'Histoire du Moyen Âge destinées à une société dans laquelle même les étudiants d'Histoire s'interrogent. LAMOP, Paris 1, 2007.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo (org.). **Os estudos medievais no Brasil de hoje**. São Paulo: Edusp, 2002.

PACAUT, Marcel. Georges Duby. La société aux XIe et XIIe siècles dans la région mâconnaise. Recueil des pancartes de l'abbaye de La Ferté-sur-Grosne, 1113-1178. In: **Revue d'histoire de l'Église de France**, tome 40, n°135, 1954.

PROFHISTÓRIA – MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA. **Apresentação do Programa**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2026. Disponível em: <http://site.profhistoria.com.br/>. Acesso em: 13 jul. 2026.

REVEL, Jacques. **Jeux d'échelles. La micro-analyse à l'expérience**. Textes rassemblés et présentés par Jacques Revel. Seuil, Gallimard, 1996.

RIBEIRO, Guilherme. A originalidade historiográfica de La Méditerranée et Le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II e a concepção braudeliana de história. História da Historiografia: **International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 3, n. 4, p. 125–144, 2010.

ROLLEMBERG, Denise; CORDEIRO, Janaína Martins. Revisionismo e negacionismo: controvérsias. **História, histórias**, vol. 9, n° 17, 2021.

SILVA, Marcelo Cândido. Uma história global antes da globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média. **Revista História**, São Paulo, n. 179, 2020.

SILVEIRA, Aline Dias da. Algumas experiências, perspectivas e desafios da Medievalística no Brasil frente às demandas atuais. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 36, n. 72, p. 231–252, 2016.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília, Editora da Universidade de Brasília; São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.